



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 11/12/2015 a 17/12/2015

ATENÇÃO:
EM FUNÇÃO DAS FESTAS NATALINAS, NOSSA PRÓXIMA
ANÁLISE DE MERCADO SERÁ EM 30 DE DEZEMBRO.

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUI e aluna do Tecnólogo em Processos Gerenciais - UNIJUI.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
11/12/2015	8,70	272,20	31,08	4,82	3,73
14/12/2015	8,74	2,77	31,30	4,87	3,81
15/12/2015	8,67	2,71	30,70	4,94	3,77
15/12/2015	8,62	2,69	30,37	4,83	3,69
17/12/2015	8,77	2,75	30,07	4,84	3,74
Média	8,70	56,62	30,70	4,86	3,75

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais* (compra e venda)
no mercado de lotes brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	82,35	2,49
RS - Santa Rosa	80,65	1,00
RS - Ijuí	80,65	1,00
PR - Cascavel	77,30	0,13
MT - Rondonópolis	70,20	-0,57
MS - Ponta Porá	74,40	0,27
GO - Rio Verde (CIF)	76,50	0,00
BA - Barreiras (CIF)	73,30	2,23
MILHO		
Argentina (FOB)**	178,20	2,18
Paraguai (FOB)**	113,50	7,69
Paraguai (CIF)**	138,80	2,81
RS - Erechim	35,85	1,70
SC - Chapecó	34,75	2,81
PR - Cascavel	31,60	4,64
PR - Maringá	32,90	5,62
MT - Rondonópolis	23,30	1,30
MS - Dourados	27,15	3,43
SP - Mogiana	34,85	4,50
SP - Campinas (CIF)	37,61	2,26
GO - Goiânia	29,50	2,43
MG - Uberlândia	33,50	5,68
TRIGO		
RS - Carazinho	710,00	0,00
RS - Santa Rosa	710,00	0,00
PR - Maringá	790,00	0,00
PR - Cascavel	740,00	0,00

*Período entre 11/12/2015 a 17/12/2015

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 17/12/2015**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	30,08	73,70	33,50

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
17/12/2015**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	40,02
Feijão (saco 60 Kg)	128,06
Sorgo (saco 60 Kg)	26,07
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,49
Leite (litro) cota- consumo (valor líquido)	0,85
Boi gordo (Kg vivo)*	5,13

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND: Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja voltaram a recuar em Chicago até o dia 16/12, quando o primeiro mês cotado ficou em US\$ 8,62/bushel. Já na quinta-feira (17), ajustes técnicos, apoiados por exportações pontuais destinadas à China, e também pela alta dos juros nos EUA, trouxeram o bushel para US\$ 8,77, igualando praticamente o fechamento registrado há uma semana.

Na prática as notícias de mercado e econômicas foram ruins para o mercado. As exportações líquidas dos EUA, para o ano 2015/16, iniciado em 1º de setembro, mesmo atingindo a 1,45 milhão de toneladas (13% acima da média das quatro semanas anteriores) não foram suficientes para reverter o quadro baixista, salvo pontualmente na quinta-feira (17).

A produção da América do Sul está sendo revista para cima, apesar de alguns problemas climáticos pontuais. A Conab, no Brasil, projeta agora uma safra brasileira em 102,5 milhões de toneladas de soja. Por sua vez, o novo presidente argentino, cumprindo a promessa de campanha, retirou os impostos de exportação incidentes sobre a maior parte dos produtos primários. A soja viu tal imposto ser reduzido de 35% para 30%. Isso levou o mercado a conjecturar que a Argentina será mais agressiva no mercado exportador da oleaginosa, freando as vendas estadunidenses. Afora isso, o novo plantio argentino, que se desenvolve nesse momento, poderá ver sua área aumentar diante destas novas medidas. A produção do vizinho país poderá muito bem alcançar 60 milhões de toneladas se o clima permitir. Daqui em diante o foco do mercado será o comportamento do clima na América do Sul e o conseqüente desenvolvimento da nova safra de soja local.

Para complicar o quadro, o esmagamento de soja por parte dos EUA foi menor em novembro, ficando em 4,25 milhões de toneladas, contra 4,43 milhões esperados pelo mercado.

Todavia, o aumento na taxa de juros básica dos EUA, que passa para 0,25% a 0,50% ao ano, após a reunião do FED ocorrida no dia 16/12, tende a deixar os produtos estadunidenses mais competitivos na exportação. É a primeira alta de juros naquele país desde 2006. Esse movimento deve atrair mais dólares para aquele país, desvalorizando a moeda em relação ao resto do mundo, favorecendo as exportações dos EUA.

Enquanto isso, as inspeções de exportação estadunidenses de soja chegaram a 1,34 milhão de toneladas na semana encerrada em 10/12, acumulando no atual ano comercial um total de 23,2 milhões de toneladas, contra 25,6 milhões em igual período do ano anterior.

No Brasil, a situação de preços baixos no exterior acabou sendo compensada pela nova desvalorização do Real, que chegou a atingir R\$ 3,92 por dólar após o país perder o grau de investimento junto a uma segunda grande agência de risco (a Fitch), além da pressão oriunda do aumento dos juros nos EUA. Soma-se a isso a continuidade da crise política nacional, que impede qualquer avanço nos ajustes econômicos necessários, e o quadro está formado para uma nova disparada do dólar. Não se descarta a possibilidade de a moeda nacional voltar a romper o teto dos R\$

4,00, embora muito destes fatos já estejam precificados pelo mercado financeiro. Isso ajuda na formação do preço da soja e equilibraria os futuros preços da oleaginosa com os custos de produção da atual safra, que cresceram cerca de 25% no mínimo.

A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 73,70/saco, enquanto os lotes voltaram para a casa dos R\$ 80,00 a R\$ 81,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes giraram entre R\$ 64,00/saco em Sapezal e Sorriso (MT) e R\$ 77,00/saco no norte e centro do Paraná.

O plantio da soja no país está praticamente encerrado, com o Rio Grande do Sul alcançando 93% da área, contra 95% na média histórica para esta época do ano.

Em termos de preços futuros houve leve aumento, com o interior gaúcho registrando R\$ 75,00/saco FOB, para maio. Já em Rio Grande o valor CIF ficou em R\$ 80,50/saco também para maio. Nas demais praças nacionais os preços registraram os seguintes valores: Paranaguá (PR), R\$ 76,50 para março/abril; Rondonópolis (MT), R\$ 68,00; Dourados (MS), R\$ 63,00; Rio Verde (GO), R\$ 65,00; Brasília (DF), R\$ 65,00; e Uberlândia (MG), R\$ 65,00/saco, todos para o período de fevereiro a abril. Já para maio Barreiras (BA) ficou com R\$ 69,00/saco, Balsas (MA) com R\$ 66,00, Uruçuí (PI), com R\$ 67,00, Pedro Afonso (TO), com R\$ 65,00/saco. (cf. Safras & Mercado)

Na BM&F o contrato janeiro fechou a semana em US\$ 19,01/saco, enquanto março ficou em US\$ 19,03 e maio em US\$ 19,16/saco.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 26/11/15 a 17/12/2015.

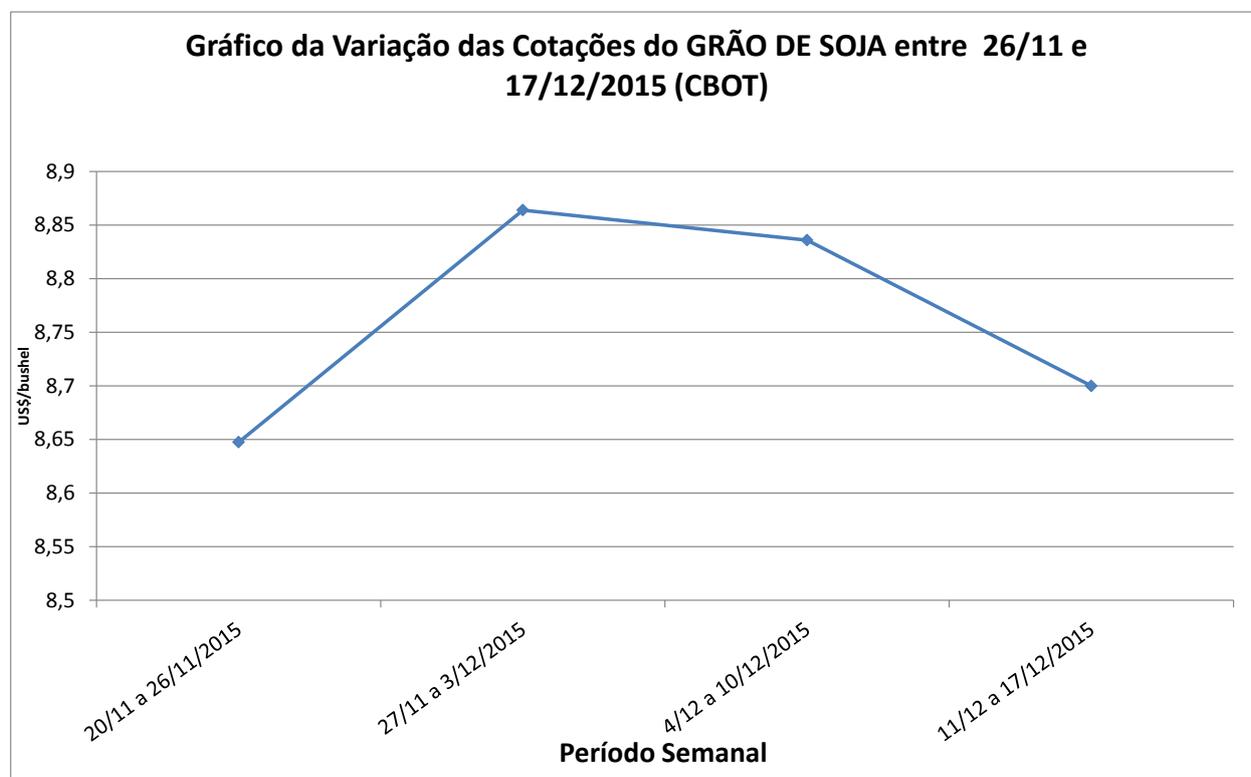


Gráfico da Variação das Cotações do FARELO DE SOJA entre 26/11 e 17/12/2015 (CBOT)

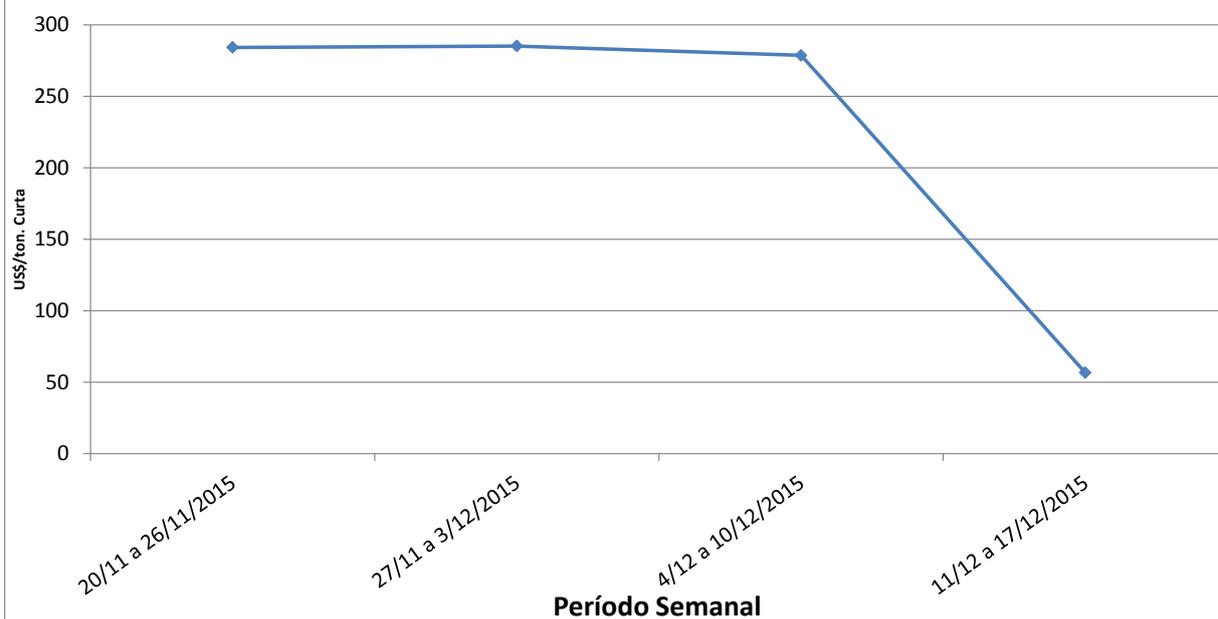
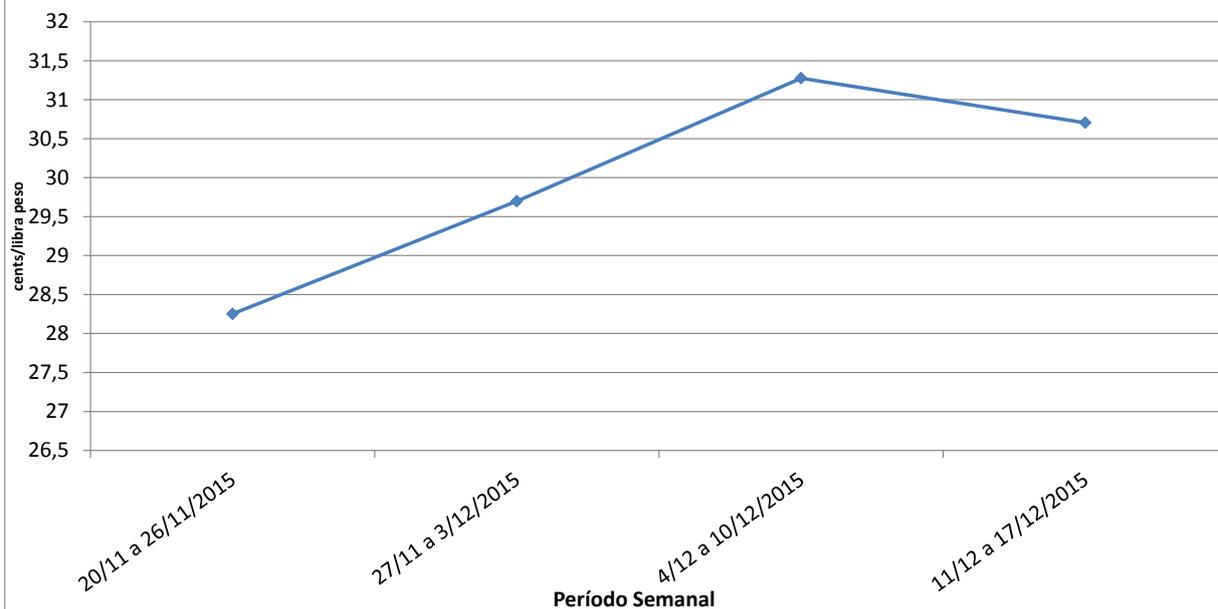


Gráfico da Variação das Cotações do ÓLEO DE SOJA entre 26/11 e 17/12/2015 (CBOT)



MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago recuaram igualmente, fechando a quinta-feira (17) em US\$ 3,74/bushel para o primeiro mês cotado, após US\$ 3,69 na véspera.

O que auxiliou um pouco o mercado estadunidense foi que as exportações semanais atingiram 1,1 milhão de toneladas na semana anterior, fato que levou à especulação a cogitar a possibilidade de que o mercado esteja iniciando um processo de compras a partir dos baixos preços do cereal em Chicago. Outra questão importante é que o mercado ainda não teria precificado as quebras de safra no Centro-Norte brasileiro devido a falta de chuvas nas lavouras de milho. Aliás, ainda não está quantificada esta quebra embora ela seja, para muitos, evidente.

Em contraponto a isso, a queda do preço do petróleo para US\$ 35,50/barril em alguns momentos da semana esfriou ainda mais a possibilidade de um aumento no uso do milho estadunidense para a fabricação de etanol.

A alta dos juros nos EUA, mesmo que suave, é um indicativo de que o processo se iniciou e tende a atrair mais dólares para aquele país, levando a uma desvalorização da moeda no mercado internacional. Isso deixaria os produtos estadunidenses mais competitivos na exportação.

Como contraponto existe a real possibilidade de uma desvalorização importante do peso argentino, fato que deixaria o milho do vizinho país muito competitivo no mercado mundial. Além disso, o governo local zerou a tarifa de exportação de diversos produtos, dentre eles o milho, tornando a Argentina mais agressiva no mercado mundial do cereal, pois os produtores poderão ganhar mais com a venda do produto.

Entretanto, existem dúvidas quanto a existência de grandes estoques do produto na Argentina nesse momento. Todavia, o efeito de tal medida será no próximo ano e seguintes, quando a semeadura do cereal tende a aumentar.

Ainda na Argentina, mesmo com as novas medidas de comercialização tomadas pelo governo Macri, a tonelada de milho recuou para US\$ 168,00. Ao mesmo tempo, a tonelada do produto no Paraguai disparou para US\$ 117,50 diante de algumas dificuldades climáticas que se fazem presentes naquele país, além de maior preferência de plantio para com a soja.

Já no Brasil, os preços do cereal se mantiveram estáveis, com o balcão gaúcho fechando a semana na média de R\$ 30,08/saco. Já os lotes ficaram em R\$ 36,00/saco em praças do Planalto Médio. Nas demais praças nacionais, os lotes registraram R\$ 19,00/saco no Nortão do Mato Grosso, até R\$ 35,00/saco nas regiões catarinenses de Videira, Concórdia e Campos Novos.

A partir de agora o mercado começa a paralisar suas atividades em função das festas de final de ano, retomando-as na primeira semana de janeiro. Mesmo assim, há movimento importante pelo lado exportador já que o ano comercial 2015/16 se encerra em 31/01/2016 e deverá bater um recorde histórico na venda de milho. Além disso, a oferta no interior do país está cada vez mais escassa, elevando os preços locais e

colocando em destaque a futura colheita de verão. Qualquer problema climático na mesma puxa os preços do cereal ainda mais para cima.

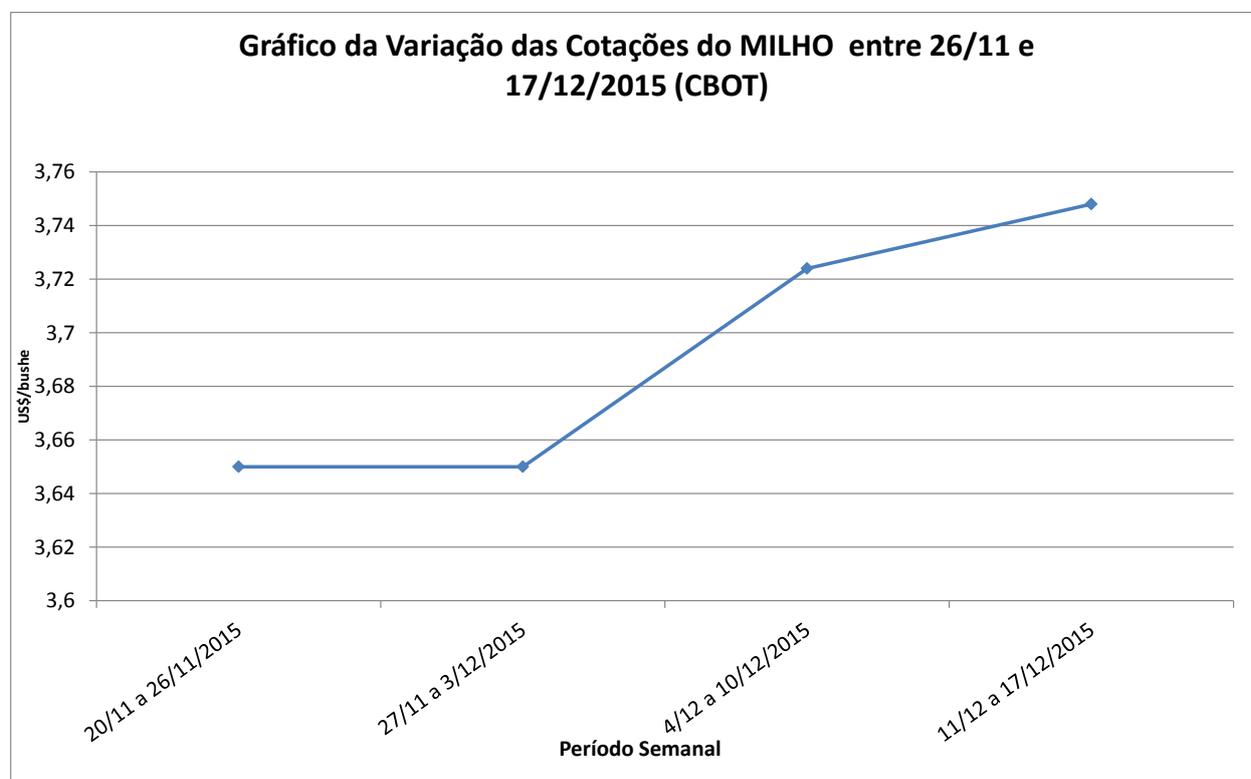
Nesse último caso, haveria perdas certas no Centro-Norte brasileiro devido à falta de chuvas. Isso deixa o quadro de oferta para o primeiro trimestre do próximo ano ainda mais preocupante. A partir de abril, o plantio da safrinha nacional ditará os rumos do mercado, porém, o aperto na oferta continuará importante no restante do primeiro semestre.

Nesse sentido, as exportações brasileiras ganham ainda mais importância neste final de ano comercial. Segundo a Secex, nas primeiras duas semanas de dezembro o Brasil teria exportado 3,1 milhões de toneladas de milho. No total do atual ano comercial o país deverá mesmo chegar próximo a 34 milhões de toneladas.

Assim, o mercado interno continua registrando altas nos preços do milho, com a região de Campinas (SP) trabalhando a R\$ 36,00/saco à prazo, havendo negócios concretos a R\$ 37,50/saco. Por sua vez, os preços nos mercados do Paraná e de Minas Gerais já superaram os praticados em São Paulo. (cf. Safras & Mercado)

Enfim, a importação, no CIF indústrias brasileiras, fechou a semana com R\$ 52,52/saco para o produto dos EUA e R\$ 50,21/saco para o produto da Argentina, ambos para dezembro. Já o produto argentino para janeiro registrou R\$ 52,81/saco. Na exportação, o transferido via Paranaguá registrou os seguintes valores: R\$ 38,94/saco para dezembro; R\$ 39,02 para janeiro; R\$ 38,65 para fevereiro; R\$ 38,02 para março; R\$ 37,93 para abril; e R\$ 38,23/saco para maio. (cf. Safras & Mercado)

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 26/11/15 a 17/12/2015.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago fecharam a quinta-feira (17) estáveis, com o bushel registrando US\$ 4,84 para o primeiro mês cotado, ou seja, o mesmo valor de uma semana antes.

O clima positivo junto às lavouras dos EUA, os estoques abundantes nos EUA e no mundo, seguram as cotações em Chicago.

Por sua vez, as vendas líquidas estadunidenses de trigo, para o ano 2015/16, iniciado em 1º de junho, somaram 225.100 toneladas na semana encerrada em 3 de dezembro. Tal volume foi 45% abaixo da média das quatro semanas anteriores, ficando menor do que as expectativas do mercado. Ao mesmo tempo, as inspeções de exportação atingiram a 434.767 toneladas na semana encerrada em 10/12, acumulando 10,96 milhões de toneladas no atual ano comercial, contra 12,82 milhões em igual período do ano anterior.

Nos países do Mercosul, a tonelada de trigo para a exportação girou entre US\$ 180,00 e US\$ 210,00 no FOB.

No Brasil, a média gaúcha no balcão estacionou em R\$ 33,50/saco, enquanto os lotes fecharam a semana em R\$ 700,00/tonelada ou R\$ 42,00/saco. No Paraná os lotes se mantiveram entre R\$ 730,00 e R\$ 780,00/tonelada, ou seja, entre R\$ 43,80 e R\$ 46,80/saco.

Enquanto a colheita brasileira foi encerrada com fortes perdas físicas e de qualidade, na Argentina a mesma chegou a 41% da área. No Brasil, os produtores que possuem trigo de qualidade superior estão segurando o produto, visando preços mais altos. Paralelamente, os moinhos continuam com compras fracas, pois as vendas de farinha não deslancham. Todavia, espera-se para o início de janeiro uma retomada na demanda interna do cereal, fato que deve elevar os preços do saco de trigo. O problema é que, diante da proximidade da colheita de verão, os produtores tendem a vender a preços mais baixos para abrirem espaço em seus armazéns, fato que pode beneficiar a indústria.

Pelo sim ou pelo não, o fato é que o Brasil precisará importar cerca de 7 milhões de toneladas de trigo neste novo ano, sendo que mais de um milhão de toneladas virá de países da América do Norte, pois o Mercosul não deverá ter produto suficiente. Em novembro, por exemplo, o Brasil importou 490.000 toneladas, sendo 54,5% da Argentina, 23,6% do Paraguai, 19,1% do Uruguai e 2,9% dos EUA. O Ceará foi o Estado que mais comprou, com 19,2% do total, seguido do Paraná com 17,2%, da Bahia e Pernambuco com 10,5% cada um e Sergipe com 8,1%. Os demais Estados somados ficaram com 34,4% do total importado. No mesmo mês o país exportou 16.000 toneladas de produto de qualidade inferior (para ração), destinadas à Coreia do Sul. No ano passado, nesta mesma época, o país havia exportado 41.700 toneladas.

A forte desvalorização do Real, que voltou a ultrapassar os R\$ 3,90 por dólar durante esta semana, puxada pela perda do grau de investimento junto a agência Fitch e mais o aumento do juro nos EUA, torna a importação mais cara. Pelas paridades de importação, o trigo argentino chega ao país ao redor de R\$ 1.012,00/tonelada CIF São Paulo, enquanto o estadunidense soft chega a R\$ 1.162,00/tonelada e o hard a R\$ 1.203,00/tonelada. Já o trigo uruguaio chega a R\$ 933,00/tonelada e o paraguaio a R\$ 986,00. (cf. Safras & Mercado)

Nesse contexto, a tendência do produto brasileiro de qualidade é de aumento em seus preços para o início de 2016, especialmente a contar de março próximo. Entretanto, a retirada da tarifa de exportação na Argentina tende a deixar o vizinho país mais agressivo e com maior volume para vendas externas.

Enfim, em termos de exportação, o trigo de baixa qualidade, no sul do país, tem sido negociado entre R\$ 485,00 e R\$ 490,00/tonelada FOB, ou seja, entre R\$ 29,10 e R\$ 29,40/saco, contra R\$ 510,00/tonelada (R\$ 30,60/saco) uma semana antes, mesmo com o Real mais desvalorizado. (cf. Safras & Mercado)

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 26/11/15 a 17/12/2015.

